
Além do rádio: a paternidade cultural e pessoal de Edgard Roquette-Pinto¹

Pedro Serico VAZ FILHO²
Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, SP
Lourival da Cruz GALVÃO JUNIOR³
Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP

RESUMO

A vida e obra de Edgard Roquette-Pinto se relacionam à história do rádio no Brasil e ao cinema educativo brasileiro, aos estudos de antropologia e à promoção da educação no país. É sobre tais percursos que este estudo se debruça, adotando como método a pesquisa documental e bibliográfica que ainda emprega, como procedimento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto, filha do citado cientista. Observa-se, nesta investigação, fatos da trajetória pessoal deste renomado intelectual que viveu 70 anos e que, na década de 1920, notou no rádio a oportunidade de fomentar reais mudanças na sociedade, tornando-se uma das maiores personalidades daquela geração, configurando-se como um idealista da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Edgard Roquette-Pinto; Noêmia Alvares Salles; Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto; História do rádio brasileiro; Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Introdução

Nesta pesquisa sobre Edgard Roquette-Pinto consultamos publicações clássicas a respeito dele, depoimentos que incluem referências de familiares e materiais inéditos. As apurações o caracterizam como um ser à frente do seu tempo, em pleno início do século XX, diante de uma população com inúmeros problemas sociais e de maioria analfabeta⁴. Nos deparamos com aspectos da vida pessoal deste homem de muitos feitos em prol da educação no Brasil e constatamos que se tratava de uma pessoa incansável nos estudos e nas atividades para o desenvolvimento humano. Apuramos que Roquette-Pinto conduzia a vida familiar e profissional com extrema competência, habilidade de conciliação, determinação, leveza e livre de preconceitos.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor nas Faculdades Metropolitanas Unidas, jornalista, pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, doutor pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre e especialista em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. E-mails: pedro.filho@fmu.br e pedrovaz@uol.com.br.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté e professor e pesquisador dos mestrados em Planejamento e Gestão em Desenvolvimento Regional pela mesma Instituição. Pós-doutor e doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: galvao.junior@unitau.br.

⁴ IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Século XX: Educação, da página 89 a 110. Disponível em: Acesso em: 07/08/2022.

O presente trabalho visa contribuir com a reconstituição e valorização da imagem de Edgard Roquette-Pinto, que viveu enfrentamentos num momento desafiador sendo que, desde a juventude, conquistou o respeito, a admiração da sociedade, de intelectuais e de políticos em ambientes nacionais e internacionais.

Edgard Roquette-Pinto: médico, sonhador, antropólogo, educador, radialista, escritor, cineasta bissexto, brasileiro. Num homem só, dos trópicos tórridos, único de sua época, raro em qualquer tempo. Criador do rádio educativo no Brasil. Grande impulsionador do cinema educativo. Médico e indigenista. Buscou mostrar o Brasil profundo para os de seu tempo (ROQUETTE-PINTO, BUSS, 2005, p. contracapa).⁵

Observamos que Roquette-Pinto foi um homem da academia e do povo. Circulava com a mesma destreza pelas elites e pelas periferias. Revelava-se libertário e realizado. Na vida pessoal, casou-se em 1906 com uma jovem da alta sociedade carioca, Riza Batista (1891-1967), com quem teve dois filhos: Paulo Roquette-Pinto (1909-1974) e Maria Beatriz Roquette-Pinto (1911-1999). Politicamente se declarava socialista. Desquitou-se para viver com a segunda mulher, Noêmia Alvares Salles (1895-1984), professora primária, sua ex-aluna, onze anos mais nova que ele e integrante do partido comunista, sob a ilegalidade naquele período. Os dois nunca se casaram. Dessa união, que durou 10 anos, nasceu a filha Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto, em 17/04/1927.

Nossas investigações revelam que Edgard Roquette-Pinto era carismático, conquistou a admiração e respeito da sociedade da época em que viveu, sobretudo dos quatro filhos, netos e demais descendentes. Entre estes, alguns nomes que produziram obras e importantes depoimentos evidenciando o patriarca da família. A filha dele, Maria Beatriz, acompanhou intensamente a trajetória do pai. Ela foi destacada como a primeira mulher com atuação profissional no rádio, por ter ingressado na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a partir de 1923, ano em que Roquette-Pinto funda a emissora. Numa entrevista concedida em 1990 ela reproduz uma frase do pai: “o pensamento tem que ser livre como a respiração. Você não pode fazer nada de grande no mundo sem amor e sem liberdade”⁶. Outra seguidora do legado de Roquette-Pinto foi a neta dele, Vera Regina

⁵ Texto assinado por Paulo Marchiori Buss, então presidente da Fundação Oswaldo Cruz, inserido na contracapa do livro “Rondonia Anthropologia Ethnographia”, de Edgard Roquette-Pinto, edição de 2005.

⁶ Disponível em: <https://escoladeradio.com.br/2022/03/08/a-primeira-mulher-locutora-do-brasil/>. Acesso em 06/08/2022.

Roquette-Pinto (1933-2021), que se destacou com excelência no cinema e na televisão. Numa entrevista que realizou com o avô, ela pergunta: “como ele se sentiu quando ouviu rádio pela primeira vez”? Resposta:

Na minha sala havia um mapa do Brasil. Meus olhos se cravaram naquela imensidão de terra, enquanto aquela voz longe cantava e dizia coisas e depressa passou no meu pensamento essa idéia: como é que a gente não aproveita isso para levar o pensamento por essa extensão de terra, levantando essa gente toda que está morrendo por aí afora de ignorância? (ROQUETTE-PINTO, 2002/2003, p. 10)⁷.

Ainda pelos registros dos decedentes, um dos netos de Roquette-Pinto, o advogado e jornalista Claudio Bojunga Roquette (1939-2022), filho Maria Beatriz Roquette-Pinto, escreveu o livro “Roquette-Pinto - o corpo a corpo com o Brasil”, que lhe rendeu o segundo Prêmio Jabuti em 2018 (o primeiro foi em 2002 pela publicação do livro “JK, o Artista do Impossível”). Na obra, de 286 páginas, Bojunga descreve inúmeras fases da vida do avô, incluindo a visão dele sobre o rádio, inserida no décimo capítulo, sob o título “A escola dos que não têm escola”.

Roquette-Pinto sonhou pela primeira vez com a radiodifusão a caminho da Serra do Norte, ao conhecer um rádio de centelha a bordo do Ladário. O vaporzinho singrava pachorrento as águas do Prata, do Paraná e do Paraguai no distante 1912. O jovem antropólogo viu na geringonça um jeito de lutar contra a desarticulação dos povos da nossa América, a desolação das aldeias, o isolamento dos homens na imensidão do país (BOJUNGA, 2017, p. 193).

Bojunga detalha os estudos de medicina concluídos por Edgard Roquette-Pinto, em 1905, aos 21 anos de idade, no Rio de Janeiro. “Em 1915, ele fazia concurso para livre docente de História Natural da Faculdade de Medicina, com um trabalho sobre *Diaponera Grandis* = formiga amazônica” (BOJUNGA, 2017, p. 04). Na obra, o autor descreve atividades antropológicas e ações do avô com o cinema educativo.

Outra referência familiar é a filha caçula de Roquette-Pinto, Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto, conhecida como “Dona Milú”, principal fonte deste estudo. Formada em engenharia química, trabalhou no Instituto Nacional de Tecnologia, então vinculado ao Ministério de Ciências e Tecnologia e foi pesquisadora na Universidade Federal

⁷ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/Quem-Foi-Edgar-Roquette-Pinto.pdf>. Acessado em 06/08/2022.

Fluminense (UFE). Nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de abril de 1927, onde vive e foi criada, sempre preservando a memória do pai. Tem quatro filhos e onze netos. Os depoimentos desta pesquisa foram obtidos em entrevistas semiestruturadas, avaliadas como as mais adequadas por terem como característica a formulação de questionamentos essenciais alicerçados em teorias e hipóteses que tem alguma relação ao tema de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). No momento da entrevista⁸, assim como em outros dois cedidos ao investigador (25 de janeiro de 2007 e em 11 de novembro de 2021, aqui não documentados e que usaram o mesmo procedimento metodológico), ela se revela uma mulher atuante, defensora da democracia, consciente politicamente e defensora do legado do pai.

Todos os valores do meu pai foram abandonados na época da ditadura. Quase não se falava em Roquette-Pinto. Ele era socialista e preconizava a educação para todos e não tinha preconceito nenhum. Foi só com a democratização do país que algumas pessoas começaram a retornar o interesse a este vulto democrático que foi ele. Na ditadura a informação não era para ser divulgada, o rádio era para ser monitorado a censura imperava. Os direitos humanos eram burlados (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

Aos 95 anos de idade, Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto conta com os auxílios da filha Letícia Tandeta Tartorotti para a manutenção da história do pai.

Referências pessoais de Roquette-Pinto

De acordo Claudio Bojunga, o nascimento de Roquette-Pinto em 25 de setembro de 1884, no Rio de Janeiro, ocorreu na rua Voluntários da Pátria. A árvore genealógica da família revela dois de irmãos Roquette-Pinto⁹: José Roquette-Pinto e Mauro Roquette-Pinto (destes não localizamos as datas de nascimento e falecimento). O sobrenome “Roquette” vem da mãe, Josefina Roquette Carneiro de Mendonça (1865-1936), que tinha o apelido de “Dona Roquetinha” e “Dona Quinquinha”. O pai foi Manoel Menélio Pinto Vieira de Mello (1854-1911). O nome de registro era Edgar Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello, mas o pouco contato com a família do pai o levou a

⁸ Depoimento concedido em 18/07/2002 com exclusividade a Pedro Serico Vaz Filho.

⁹ Memória de famílias. Genealogias e histórias. Disponível em <https://www.memoriadefamilia.com.br/index.php?apg=arvore&idp=4721&ver=por> . Acesso em 09/05/2022.

alterá-lo para Edgard Roquette-Pinto, com um hífen, que ele fazia questão de destacar e dele não abria mão (CARNEIRO, 2008, p. 01).

O nome Roquette-Pinto foi criado pelo meu pai. O pai dele se chamava Menélio Pinto e a mãe Josefina Carneiro de Mendonça Pinto, quando se separaram, ele foi criado pelos avós paternos. A avó se chamava Roquette, e tinha o apelido de dona Roquetinha, parece que era uma mulher de personalidade muito forte. À medida que ele ficou mais velho, escolheu usar o nome da avó e do pai. Então ficou Roquette-Pinto. Não existia essa combinação. Quem o acompanhou também com a alteração de nome foi o irmão mais novo Mauro, que era um fazendeiro muito rico, mas com a crise do café em 1929 perdeu tudo. Meu pai sempre foi um homem de muita cultura. Nunca foi pessoa só aficionada aos livros. Ele dizia que era uma pessoa que tinha grande amor à natureza, uma grande curiosidade, um grande amor ao movimento e um pouco de amor aos livros. Claro que tinha amor aos livros, mas além de estudar muito, observou muito. A formação dele era de médico legista, mas sofreu um acidente com um dos dedos da mão, teve infecção, o dedo perdeu a mobilidade e ele se aborreceu muito. Como já gostava de estudar o ser humano acabou se transformando em antropólogo. Possuía brasilidade plena (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)¹⁰.

O início dos anos de 1920 marcava uma nova fase na vida pessoal de Roquette-Pinto, quando se desquitou da primeira mulher, Riza Batista.

A primeira esposa dele, Riza Batista, era muito bonita, da alta sociedade carioca e filha de um famoso médico no Rio de Janeiro. No entanto, se separaram e meu pai, desquitado, passou a viver com a minha mãe em 1922. Eles não chegaram a se casar em cartório. Ela era professora primária e extremamente política, mas antes foi aluna dele. Acho que foi uma grande paixão dela e dele. Ele tem versos muito bonitos dedicados a ela. Era uma mulher bem avançada para a época e a frente do tempo. Viver com meu pai desquitado, no início dos anos vinte, para aquele período não foi nada fácil. Imaginem os enfrentamentos sociais de uma mulher naquele tempo? Também não foi uma relação breve. Eu nasci em 1927. Quando fiz 5 anos eles se separaram. Minha mãe era extremamente política. Creio que por isso a união deles não deu certo. Ela era do partido comunista, mesmo no tempo da ilegalidade. Foi bastante lutadora. Já meu pai era muito conciliador. Era do partido socialista. Foi difícil para ele conciliar a vida com uma pessoa de extrema esquerda como a minha mãe, fiel aos seus ideais. O temperamento radical dela, dificultava um pouco a vida dele. Ele foi cultuado pela sociedade e tinha muito carisma, mas não aproveitava isso. Não era de palanque. A minha mãe era uma mulher muito boa. Até depois dos 80 anos de idade dava aulas para crianças pobres da vizinhança e morreu comunista. Algum tempo depois de separar do meu pai, ela se uniu a um primo médico, com quem teve outro filho. Já meu

¹⁰ Idem à nota 08.

pai, depois de se separar dela não teve mais nenhum relacionamento oficial, mas teve muitas amigas. Era um homem muito bonito, forte que chamava a atenção (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)¹¹.

São raros os registros de aparições públicas da segunda mulher de Roquette-Pinto, Noêmia Alvares Salles. Um deles ocorreu em 1982 no programa Globo Repórter, da Rede Globo, quando foi entrevistada pelo jornalista Caco Barcellos. Não ocasião, a pauta da produção era sobre a celebração dos 60 anos do rádio no Brasil. Noêmia declamou o poema “Felicidade” do poeta Vicente de Carvalho (1866-1924), lembrando a interpretação que realizou em 1923, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ao lado do então companheiro Roquette-Pinto: “Só a leve esperança, em toda a vida, disfarça a pena de viver, mais nada: Nem é mais a existência, resumida, que uma grande esperança malograda (...)” (CARVALHO, 1917 - não consta a página na publicação consultada)¹².

Registramos muitas lembranças de Carmen Lúcia, mas os objetos e retratos guardados do pai são poucos, porém de muito valor histórico. Ela guardou uma fotografia, abaixo reproduzida, com uma dedicatória pai: “Para Carmen Lúcia, a minha filhinha muito querida. Roquette-Pinto”. Desse período ela recorda uma frase do pai: “aproveite bem o seu pai, pois aos 70 anos eu vou morrer. Eu dizia para ele. Que isso pai? Que bobagem! Porém foi o que aconteceu. Ele já tinha essa premonição”. A fotografia de Noêmia Alvares Salles. Trata-se do registro de um momento da mãe de Carmen Lúcia, ao lado do irmão mais velho (não informaram o nome dele e data da foto). Na sequência, os registros fotográficos:

Imagem 01, Edgard Roquette-Pinto, com dedicatória à filha Carmen Lúcia Salles Roquette-Pinto; **Imagem 02**, Noêmia Alvares Salles, ao lado do irmão (não informaram o nome dele e data da foto). (Arquivo pessoal da família de Edgard Roquette-Pinto).



¹¹ Idem à nota 08.

¹² O poema “Felicidade” foi publicado no ano de 1908 pelo poeta Vicente Augusto de Carvalho (1866-1924), no livro Poema e Canções. Ele também era contista, jornalista. Foi advogado, magistrado, fazendeiro, político e abolicionista.

O perfil de Edgard Roquette-Pinto com suas características pessoais foi descrito de forma bem-humorada pelo jornalista e escritor João Condé (1917-1971) na coluna “Arquivos Implacáveis”, na seção “Flash” da revista “O Cruzeiro”, edição de 17 de julho de 1954, na página 25, conforme reprodução abaixo, com grafia da época. A publicação revela aspectos pessoais e profissionais de Roquette-Pinto, quatro meses antes dele falecer, em 18 de outubro de 1954.

Nome: Roquete Pinto – Nasceu em 1884, no Distrito Federal. – Altura, 1,78. – Peso, 75 quilos. – Sapato 41. - Colarinho no. 40 – Usa óculos só para ler: para o resto prefere “pince-nez” agarrado numa fita muito longa, modelo antigo. – Fuma cigarro, charuto e cachimbo (gosta mais de cachimbo, mas como não sabe fumar, fica mesmo com os cigarros). Frutas de sua predileção: as bonitas e as frescas; de sua antipatia: caqui (tomate metido a sebo), - Adora música, principalmente o canto. – Compositores de sua predileção: Bach, Beethoven, Mendelssohn, Saint Saens, Debussy e Chopin. Foi um excelente católico, depois ficou um insuficiente positivista. Em geral dorme as 24 horas, acordando às 4 da madrugada. – Tocava piano e ocarina. – Romancistas estrangeiros de sua predileção: Anatole France, Fielding. – Romancistas brasileiros de sua predileção: José de Alencar, que encantou a sua mocidade, e Machado de Assis, que o ajuda a carregar a velhice, José Lins do Rêgo e Jorge Amado. – Não vai ao cinema porque gosta muito de cinema. – Há muita ordem na desordem do seu apartamento: (no escuro está apto a achar o livro ou objeto que deseja. Na sua casa há um lugar para cada coisa e cada coisa é posta em seu lugar). – Não prefere nenhum dos seus livros publicados, acha que os livros são como filhos – Poeta brasileiro de sua predileção: Vicente de Carvalho. – Não tem medo de viajar de avião. – É capaz de entender fazer-se entendido em português, tupi, francês, italiano, espanhol, inglês, alemão e um pouco de latim e uma relembração de grego. – É fatalista. – Suas grandes admirações literárias: Goethe, Shakespeare, Racine, Dante e Carducci. – Santos de sua admiração: todas as nossas Senhoras e São Paulo. – Atualmente é um péssimo correspondente, porque escreve com muita dificuldade (mas sempre considerou a pontualidade em tudo e até nas cartas como um dever. Ser educado é ser pontual). – O primeiro livro que leu: Atala. De Chateaubriand (tinha 9 anos). – Remou quando moço, no clube de regatas Botafogo. – Acredita positivamente em assombrações apesar de nunca ter visto nada, crê que muita gente haja visto. – Foi o pai do rádio no Brasil. – Sua vida tem sido estudar, ensinar e difundir. – Não tem medo de morrer. – Gosta muito de licor forte, mas não pode beber. – Pintores de sua predileção: Rembrandt (se for preciso uma vida humana para salvar a “Ronda Noturna”, mande-me buscar). – Entre os antigos brasileiros, admira Pedro Américo, e entre os modernos, Portinari (1ª. Fase). – A gravura sempre foi uma paixão de sua vida. – Escreveu Rondonia, em 1912. – Gosta muito de gíria e tem horror à gramática: “se escreve certo é sempre por acaso”. – Gosta muito de pimenta e considera-se um bom cozinheiro. – Nunca fracassou em suas

iniciativas. – Sempre sentiu dentro de si o germe de um general, mas nunca lhe ofereceram senão postos de Tenente. – Pensa ter realizado o mais possível o seu sonho de mocidade. – Considera Villa-Lobos o maior compositor que as Américas têm dado. – Foi Major-médico da reserva da 1ª. Linha da 2ª. Classe, hoje reformado. – Considera encerrada sua carreira científica, desde que não pode continuar os seus trabalhos de pesquisa. – Espera morrer há muitos anos, a qualquer hora. “Acredito piamente que vou reviver em algumas violetas que estão plantadas no túmulo de minha mãe em Petrópolis, para onde irei” (CONDÉ, 1954, p. 25).

O mencionado artigo dedicado a Roquette-Pinto, ocorre “na época em que ele sofria com o reumatismo”, afirma em depoimento a filha Carmen Lúcia.

Roquette-Pinto em Rondônia

Roquette-Pinto tinha 28 anos em 1912 quando seguiu na expedição do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que estava com 47 anos de idade, para o Centro Oeste do Brasil. Missão registrada no livro “Rondônia, anthropologia – ethnographia”, de 1917, reimpresso em 1919 e relançado em 2005, marco na carreira do homem de múltiplas qualificações. “Roquette escreveu boa parte de seu livro durante a Primeira Guerra Mundial. Enquanto falava de parecis e nhambiquaras, um milhão e meio de rapazes fardados eram trucidados na selvagem carnicina de Verdun e na sangrenta ofensiva de Somm (BOJUNGA, 2017, p. 122).

No início da vida já era positivista. Depois de ir para a expedição à Rondônia, passou a ter uma visão mais ampla do homem e da natureza. Nas condições precárias da época, ele se dispôs com Rondon a entrar no mato, para realizar um estudo sobre tudo o que via, as plantas, os animais, os índios. Dali recolheu muito material, inclusive músicas que foram orquestradas por Villa Lobos de quem era grande amigo. Ele e Rondon passaram a ter o seguinte lema: “morrer sempre, matar nunca”. Frase que adotaram pelo contato com os índios (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)¹³.

A referida obra apresenta mais de 100 ilustrações da época (1912), entre “estampas” e “phonogrammas”. Além de extensa lista de vocabulário indígenas, o texto é bem descritivo, provável prenúncio de uma linguagem radiofônica, “despida de adornos, português bem brasileiro” (BOJUNGA, 2017, 117):

¹³ Idem à nota 08.

Constroem casas grandes, com tecto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas dormem numa palhoça. Ao centro, um esteio alto e forte. A noite armam redes, em raio, desse esteio para os caibros lateraes; entre uma rêde e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana (PINTO, 2005, p. 82).

Pelo trabalho como antropólogo, Roquette-Pinto recebeu uma exaltação na abertura da nova edição da obra, relançada em 2005. O texto é assinado pelo professor Antonio Carlos de Souza Lima, do departamento de antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rondônia, de Edgard Roquette-Pinto, publicado pela primeira vez em 1917, é fruto da expedição de 1912 do autor à Serra do Norte, região hoje compreendida entre os estados de Mato Grosso e Rondônia, a convite de Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), integrando a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (...). Texto portador de múltiplos registros, afinado com o que de mais moderno existia nas incipientes ciências antropológicas do final do século XIX e início do século XX, era em si uma prova ao público erudito internacional de que, nos moldes da época, tivessem os cientistas brasileiros condições que permitissem viagens para a observação direta da vida dos primitivos, então poderiam ultrapassar o ensaísmo bacharelista que deixava marcas tão profundas na vida intelectual brasileira (LIMA, 2005, p. 07).

Segundo Carmen Lúcia, o pai sempre manteve profunda preocupação com a educação dos brasileiros, diante de uma população de maioria analfabeta no Brasil. E não foi somente no período da expedição para Rondônia ou na fase da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. Ele sempre se preocupou em levar educação às pessoas (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

Tudo pela educação

O ano de 1922 é marcante na vida do professor Edgard Roquette-Pinto, que pode presenciar no Rio de Janeiro a comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro daquele ano. O intelectual ficou impressionado com a movimentação do evento na então capital do Brasil e atentou-se especialmente à apresentação experimental radiofônica ocorrida na ocasião. Foram instaladas pequenas estações de 500 watts cujos transmissores estavam na Praia Vermelha e no Corcovado. “Dezenas de alto-falantes reproduziram o Hino Nacional e um discurso do presidente Epitácio Pessoa. À

noite, ouviu-se a ópera O Guarani, de Carlos Gomes, transmitida diretamente do Teatro Municipal” (BOJUNGA, 2017, p. 199).

Roquette-Pinto ficou admirado e inquieto com o acontecimento, vislumbrando uma possibilidade radiofônica e educativa no Brasil. Assim, com outros companheiros da Academia Brasileira de Ciências, reunidos na Escola Politécnica do Largo São Francisco, funda no dia 20 de abril de 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, prefixo PR-1-A, que teve a primeira emissão realizada no dia 1º de maio de 1923 com um transmissor montado por Henrique Morize¹⁴. “Foi uma ação independente, que beirou a transgressão da lei, embora realizada com desprendimento e patriotismo” (BOJUNGA, 2017, p. 201). Da trajetória radiofônica que apresenta, o autor não deixa de mencionar em sua obra, na página 195 “a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, em abril de 1919”. Neste sentido, nos remete à pesquisa e relatos do professor Luiz Maranhão Filho:

Em 1923 chegou aqui em Recife o Sr. Oscar Moreira Pinto, que tinha acompanhado no Rio de Janeiro a fundação da Rádio Sociedade, em abril daquele ano, por Edgard Roquette-Pinto, mas a Rádio Clube já existia há quatro anos. Ele queria fundar uma rádio em Pernambuco, mas logo foi informado que a Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, existia desde 06 de abril de 1919, com estatutos devidamente registrados e publicados em jornais, divulgação na imprensa, diretoria e como presidente Augusto Pereira. No entanto, ele fez a proposta de reestruturar a estação, com melhorias e, dessa forma a ideia logo foi aceita. Então em 17 de outubro de 1923 a Rádio Clube de Pernambuco é renovada e modernizada. Passa a fazer programações diárias e regulares. Por esse motivo, em muitos anos, a comemoração do aniversário da emissora foi celebrado como tendo nascedouro em 1923, e não a partir de 1919 (MARANHÃO, 2019, depoimento).¹⁵

Edgard Roquette-Pinto teve importante atuação na produção e na defesa do rádio e do cinema educativo no Brasil. “Ele foi um homem de prestígio e não tinha a preocupação de fazer propaganda de si próprio. Era modesto. Não se achava um suprasumo. De todos os ofícios que exerceu, lecionar era a atividade que mais se orgulhava”, declara a filha Carmen Lúcia. “Pelas aulas e palestras, transmitia com

¹⁴ Henri Charles Morize – tornou-se mais conhecido como Henrique Morize - (1860-1930), era francês naturalizado no Brasil. Foi membro fundador e diretor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, engenheiro industrial, geógrafo e engenheiro civil. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências e fundador da física experimental brasileira, diretor do Observatório Nacional entre os anos de 1908 e 1929.

¹⁵ Depoimento concedido por Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho, para este artigo em 15/05/2019.

paixão e simplicidade todos os conteúdos das demais qualificações que possuía”, completa. “A rádio Sociedade do Rio de Janeiro, agora rádio MEC¹⁶, que foi doada por Roquette-Pinto ao governo, para o povo, em 07 de setembro de 1936, não pode ser entregue a grupos privados. Então tem que se cumprir a vontade do doador, que é uma vontade generosa e de grande importância”, destaca.

Roquette-Pinto foi o pai do rádio educativo, do cinema educativo e, portanto, pioneiro no Brasil da educação à distância. Da mesma forma que a minha mãe, ele foi um homem adiante do seu tempo. Pensava na informação cultural para a formação do homem, nos ambientes domésticos e públicos. Já pensava a televisão para o país nos anos trinta, quando a maioria da população brasileira ainda era de analfabetos. Aliás, o que sei do rádio veio pela minha mãe. Eles tinham um ano de relacionamento quando da inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. Ela estava ao lado dele. Meu pai era uma pessoa que gostava muito da vida, muito alegre, disposto, afável, amável. Principalmente gostava muito de gente, gostava muito do homem. Realmente era um socialista pela própria natureza. Estava muito adiante do seu tempo. Foi extremamente generoso não ligava para dinheiro. Era modestíssimo, com uma vida simplíssima, pobre. Tinha só o estritamente necessário para viver decentemente. O rádio foi um filho dele. Ele tinha um idealismo enorme de que o rádio não foi feito para dar lucro. O rádio foi feito para o ser humano, para a população brasileira poder aprender, poder ter uma noção do mundo. E até hoje quem desvaloriza o rádio é porque é burro (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)¹⁷.

No citado depoimento concedido no ano de 2002, ela também falou sobre o troféu Roquette-Pinto entregue aos melhores do ano desde 1952 (extinto em 1982).

Eu achava esquisito quando alguém recebia o troféu Roquette-Pinto e se dizia que o contemplado tinha sido “roqueteado”. Em dado momento me pareceu um troféu político. No início dos anos 80, quando entregaram o troféu Roquette-Pinto para então diretor geral da Usina Hidrelétrica de Itaipu José Costa Cavalcanti (1918-1991) eu entrei em contato com a organização do troféu via telefone, reclamei e enviei uma carta e questionei: Como poderiam entregar um troféu, que leva o nome de um homem que foi democrata, empreendedor em prol da educação no Brasil, pelo povo carente, pelos oprimidos, para contemplar um político que serviu inclusive a ditadura, que era totalmente contra os princípios do meu pai? Considerei aquilo um escárnio. Não se poderiam

¹⁶ Em setembro de 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro deixa de existir e passa a se chamar Rádio Ministério da Educação, atual Rádio MEC. A doação de Roquette-Pinto, provocada pela inviabilidade comercial da emissora, resultou em 1937 na criação do Serviço de Radiodifusão Educativa, uma iniciativa do governo de Getúlio Vargas, “destinado a promover, permanentemente, a irradiação de programas educativos” (MOREIRA, 2000 p. 24).

¹⁷ Idem à nota 08.

fazer uma coisa dessas. Porém ficou por isso mesmo (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)¹⁸.

O reconhecimento ao trabalho de Roquette-Pinto ultrapassou as fronteiras brasileiras. Ele chegou a receber cinco condecorações em países como Suécia, Tchecoslováquia, México, Alemanha e França (BOJUNGA, 2017 p. 269).

A perpetuação de um legado

Num domingo, 17 de outubro de 1954, aos 70 anos de idade, Edgard Roquette-Pinto voltava do final de semana, passado numa casa simples que mantinha na cidade de Nogueira, no estado do Rio de Janeiro. Ele retornava à residência na capital fluminense. No dia seguinte, acordou cedo e seguiu à rotina semanal de escrever um artigo para o Jornal do Brasil. Enquanto datilografava sentiu-se mal. Deitou-se e um médico foi chamado, mas chegou tarde. O ilustre paciente faleceu naquela manhã de 18 de outubro de 1954. O coração dele não resistiu ao sofrimento das fortes dores causadas por um reumatismo agudo que o acompanhou durante 20 anos. A notícia da morte de Roquette-Pinto recebeu destaque nos meios de comunicação da época, que reconstituíam a carreira do intelectual. O Jornal do Brasil destacou: “Possuía no exame e na análise das questões que estudava uma espécie de sexto sentido, com que se adiantava de muito aos que abordavam ao mesmo tempo o mesmo assunto. Nada parecia escapar à sua rica sensibilidade, ao poder da sua compreensão”.¹⁹

A morte de Edgard Roquette-Pino foi “num pequeno apartamento do edifício São Miguel, na avenida Beira Mar, Rio de Janeiro, onde por muitos anos, teve como vizinho o colega na Academia Brasileira de Letras, o amigo Manoel Bandeira (1886- 1960)” (BOJUNGA, 1971, p. 03). Segundo Carmen Lúcia, o pai “era um pouco relaxado para os tratamentos de saúde” e “depois que se aposentou criou uma máquina de impressão para fazer gravuras, em placas metálicas. Fora isso, como sofria com o reumatismo, fazia aspirina em casa para aliviar as dores. Colocava num vidro e de vez em quando tomava uma colher”, completa.

¹⁸ Idem à nota 08.

¹⁹ Trecho da matéria sobre a morte de Edgard Roquette-Pinto, intitulada “Roquette-Pinto”, publicada no Jornal do Brasil, na edição de 19/10/1954, terça-feira, página 06.

A partir dos 50 anos de idade ele teve um reumatismo deformante e foi ficando com o corpo curvo. Isso foi ruim para ele que era um homem muito bonito. Só melhorou com o advento da cortisona, quando praticamente renasceu. No final da vida, mesmo com a doença, não sofreu e nem ficou entredado. Era alegre e não foi abandonado pelos amigos e família. Mas do ponto de governo talvez. Continuou escrevendo para o Jornal do Brasil, onde tinha uma coluna semanal. Também dava assessoria para todas as pessoas sobre o cinema educativo, rádio e vários outros assuntos. Era sempre muito procurado por intelectuais e procurava manter uma vida ativa (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento)²⁰.

Das referências inicialmente aqui descritas podemos realizar a apresentação de indicativos ou amostras que nos abrem o caminho para melhor caracterizar Roquette-Pinto pela simplicidade como se apresentava: “Não era um homem de gabinete. Foi uma pessoa extremamente generosa”, revela Carmen Lúcia. “Não tinha empregada. Morava sozinho no final da vida. Tinha dois amigos que davam assistência no sentido social, nas saídas e em alguns trabalhos domésticos”, afirma a filha.

Ele estava entre os percussores ecológicos da época dele. Era muito ligado à escola humanista alemã, antes de Adolf Hitler. Até porque ele sempre foi um grande democrata. Jamais apoiaria o nazismo. Era muito ligado à Alemanha. Minha bicicleta era alemã, meus patins eram alemães, minhas roupas eram alemãs. Todos os anos ele ia umas três a quatro vezes para a Alemanha realizando palestras e ministrando aulas. Na verdade, poderia ser chamado de naturalista. Ele se aprofundou no estudo do ser humano e das suas interações com a natureza. (ROQUETTE-PINTO, 2002, depoimento).

A frase “o maior mestre de antropologia que já teve o Brasil” é do escritor Gilberto Freyre (1900-1987), numa referência ao amigo e contemporâneo Roquette-Pinto. Está publicada na contracapa do livro de Bojunga, que também reproduz outras menções ao mencionado cientista: “O maior demolidor do mito racista no Brasil”, assinada pelo sociólogo José Guilherme Merquior (1941-1991); “Homens como Roquette-Pinto nos ensinam a ter esperança, pelo escritor Carlos Drummond de Andrade (1902-1987); “Rondônia representou para o estudo e a compreensão do índio o mesmo papel de Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, em relação ao negro”, autoria do jornalista Álvaro Lins (1912-1970); “São do mais elevado sentido artístico, cultural e progressista as realizações de música moderna internacional apresentadas brilhantemente na rádio MEC”, afirmou o maestro Heitor Villa-Lobos (1987-1959);

²⁰ Idem à nota 08.

“Falar sobre a rádio MEC é falar sobre dez anos da minha vida. Aliás, de toda a minha vida. Pois é a estação que ouço sempre e até hoje”, declarou a atriz Fernanda Montenegro (1929-92 anos).

Pois bem, a prática da heteroglossia em Roquette-Pinto nos conduz a perceber a experiência de construção de uma escrita e dos usos desta como práxis direcionada a diagnosticar cientificamente a questão social como fundamento para a resolução dos problemas de organização nacional. Amalgamou pensamento e ação, agindo nos interstícios dos poderes institucionais com os quais lidou, a exemplo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Saúde, da Rádio Municipal do Distrito Federal e a do Instituto Nacional do Cinema Educativo, entre outras instituições e entidades. A vocação pública de Roquette-Pinto manifestou-se por uma aproximação heterodoxa do positivismo comtiano que, por sua vez, oscilou entre as duas correntes do liberalismo, a conservadora e da democracia liberal, o que se expressou na apreensão e incorporação críticas que Roquette-Pinto fez de autores nacionais e internacionais ligados ao comtismo, tais como, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manoel Bonfim, Bancroft, Bichat, Mendel, Galton, Davenport que o influenciaram na produção de suas teses argumentativas acerca dos conceitos de cultura e de brasilidade (RANGEL, 2010, p.22).

Cabe sinalizar que o ano de 2023 marcará o centenário da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e o ano de 2024 registrará os 140 anos do nascimento de Roquette-Pinto e os 70 anos de morte dele. Efemérides que se vinculam ao centenário do dia 7 de setembro de 1922, que marcou a celebre transmissão radiofônica, que tanto impressionou Roquette-Pinto, a sociedade da época e marcou a história do rádio no Brasil que, reafirmamos, já ecoava suas sonoridades desde 1919 nos ares do nordeste brasileiro, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco em 06 de abril daquele ano.

Referências

BOJUNGA, C. Roquette-Pinto: **O corpo a corpo com o Brasil**. São Paulo: Casa daPalavra, 2017.

BOJUNGA, Maria Beatriz Roquette-Pinto. Entrevista para o programa especial sobre Edgard Roquette-Pinto, em maio de 1990, publicada no jornal Amigo Ouvinte, órgão da Sociedade dos amigos ouvintes da Rádio MEC. Disponível em: <https://escoladeradio.com.br/2022/03/08/a-primeira-mulher-locutora-do-brasil/> Acesso em 06/08/2022.

CARNEIRO, A. Roquette-Pinto: médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta, poeta e radialista. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROQUETTE-PINTO.pdf> . Acesso em 09/05/2022 .

CONDÉ, J. Coluna Arquivos Implacáveis, seção Flash. Rio de Janeiro: Revista “OCruzeiro”. Edição de 17 de julho de 1954, página 25.

MARANHÃO, F. L. **Raízes do Rádio**. Olinda: Editorial Jangada, 2012.

MEMÓRIA DE FAMÍLIAS. **Genealogias e histórias**. Disponível em <https://www.memoriadefamilia.com.br/index.php?apg=arvore&idp=4721&ver=por>. Acesso em 09 de maio de 2022.

MOREIRA, Sonia Virginia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

RANGEL, J. A. Roquette-Pinto. Recife: Editora Massangana, 2010.

REVISTA RADIOCULTURA. Coluna Ecos e Comentários. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229725&pesq=&pagfis=473>. Acesso em 31 mai. 2022.

ROQUETTE-PINTO, Carmen Lúcia. Entrevista concedida a Pedro Serico Vaz Filho em 17/07/2002 sobre Edgard Roquette-Pinto. Edição da entrevista disponível em: <http://www.usp.br/radiojornalismo/index.php/2020/11/24/entrevista-com-carmen-lucia/>. Acesso em 06/08/2022.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondonia, anthropology – ethnographia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. **Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos**. Revista USP: 80 anos de rádio, São Paulo: USP, 2002-2003 (trimestral). Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp639/pag11.htm>. Acesso em 06/08/2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: atlas, 1987.

VAZ, S. F. P. **Rádio Clube de Pernambuco 1919/2019: cem anos. sem esquecimentos**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2018, Joinville. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0649-1.pdf>. Acesso em 20 jul. 2022.

VAZ, S. F. P. **Fragmentos impressos sobre a história da centenária Rádio Clube de Pernambuco**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2020, Salvador, BA.